



O GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA: UM OLHAR SOBRE A VIOLAÇÃO DAS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS DE GRICE

Marcos Antônio da Silva¹

RESUMO

Constitui objetivo nosso, neste artigo, apresentar uma análise de uma entrevista a partir da perspectiva da Pragmática. Mais especificamente, objetivamos analisar de que forma ocorre a violação nas máximas conversacionais de Grice (1982) e qual é o objetivo do locutor/falante ao violar as máximas. A entrevista aqui em análise foi coletada no site da revista VEJA, e outras informações metodológicas serão apresentadas no momento das análises. Constatamos, a partir das análises empreendidas, que o falante pode violar apenas uma máxima com o intuito de não violar uma outra e que, além disso, a violação pode ocorrer com o objetivo de se denunciar determinado fato. Logo, entendemos que a violação das máximas conversacionais de Grice (1982) não deve ser vista como algo negativo, mas como uma estratégia que o falante usa para conseguir, assim, alcançar seus determinados objetivos no momento de sua fala.

Palavras-chave: Entrevista, Gênero, Grice, Máximas Conversacionais.

1. INTRODUÇÃO

É notória a percepção de que os estudos sobre a linguagem, mais do que nunca, nos dias atuais, passaram a enxergar a relação existente entre os indivíduos envolvidos nos processos interacionais das relações humanas. Os estudos pragmáticos, diferentemente dos estruturalistas e gerativistas que, em seus tempos áureos, não estavam interessados nas relações entre língua-usuário e contextos de uso, despontam como uma corrente que abraça todas essas questões.

De acordo com os apontamentos de Grice (1982, p.86), um dos estudiosos dessa vertente pragmática, “Nossos diálogos, normalmente, não consistem em uma sucessão de observações desconectadas, e não seria racional se assim fossem”. Ou seja, nossas falas, nossos diálogos ou enunciados, não são produzido/elaborados no vazio, mas nas relações, e devem, ou deveriam, obedecer a determinados princípios.

Assim sendo, podemos acreditar que as interações, quando existentes, não são atos irracionais, já que ninguém diz qualquer coisa, em qualquer lugar, de qualquer forma e para qualquer pessoa e que, no fenômeno da linguagem, algumas regras existem e devem ser

¹ Doutor em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da UFPB. Professor efetivo do Instituto Federal de Alagoas, Campus Murici. E-mail: marco_sil2@hotmail.com.



consideradas durante a interação, atividade verbal, para que a comunicação seja efetivada com sucesso.

É relevante lembrar ainda que, como coloca Koch (2004), a linguagem é intencional, e que por intermédio da língua agimos sobre o outro, para mostrar um ponto de vista, impor uma ideia, ou seja, atuar/agir sobre o nosso interlocutor.

Logo, com base nos pressupostos teóricos apresentados acima, e ainda norteados pela Teoria da Argumentação na Língua proposta por Anscombre-Ducrot (1994), constitui nosso objetivo, neste trabalho, analisar a violação das máximas conversacionais de Grice (1982) em uma entrevista publicada no site da revista VEJA, buscando observar a intencionalidade dos interlocutores ao violar essas máximas.

2. SOBRE A NOÇÃO DE LÍNGUA: DO ESTRUTURALISMO AO FUNCIONALISMO

O Estruturalismo, que teve como um dos principais representantes o linguísta suíço Ferdinand de Saussure (2006), com suas dicotomias e uma visão abstrata da língua, concebia a língua enquanto conjunto de regras. O Gerativismo (leia-se, Noam Chomsky), embora traçando e apresentando as noções de “competência” e “desempenho”, aquela enquanto o conhecimento das regras de um sistema, no caso, a língua, e este como o uso desse conhecimento, deu ênfase apenas à competência.

Essas duas correntes linguísticas preocuparam-se com a estrutura das frases e entendiam que a língua e suas regras estruturais eram suficientes, enquanto objeto de estudo linguístico, e descartaram, assim, a língua nos enunciados produzidos em momentos reais.

A partir da segunda metade do século XX, a noção de língua enquanto estrutura abstrata perde espaço para a noção de língua que privilegia os fenômenos relacionados aos usos que os indivíduos fazem dessa língua. Fazem parte dos estudos de caráter pragmáticos, ou seja, que levam em consideração a língua e sua relação com o usuário, nomes como Grice (1982), Searle (1969), Austin (1990), dentre outros.

Marcondes (2000, p. 38), sobre a possível origem do termo Pragmática, explicita que:

O termo “Pragmática” é derivado do grego *pragma*, significando coisa, objeto, principalmente no sentido de algo feito ou produzido, sendo que o verbo *pracein* significa precisamente agir, fazer. Os romanos traduziram *pragma* pelo latim *res*, o termo genérico para coisa, perdendo, talvez com isso a conotação de fazer ou agir, presente no grego.

Observamos que as noções de “algo feito, produzido”, “agir e fazer” já estavam presentes nos estudos gregos e desencadearam nos estudos linguísticos, enquanto noção de



uso. Ainda de acordo com esse autor (2005, p. 41), “Quando a linguagem é adquirida, o que se adquire não é pura e simplesmente uma língua, com suas regras especificamente linguísticas, mas todo um sistema de práticas e valores, crenças e interesses a ele associados”.

Com base na colocação apresentada por esse estudioso, é possível identificar dois posicionamentos: 1º- uma crítica aos estruturalistas e gerativistas e 2º- que a linguagem é adquirida no uso cotidiano, nos diferentes contextos e em seus diversos usos reais. Podemos, então, afirmar que a Pragmática é o estudo da linguagem em uso concreto.

Aos estudos da Pragmática, como por exemplo, A Teoria dos Atos de Fala, de Austin e Searle, interessa tudo aquilo que o falante diz, para quem diz e em que condições contextuais ele o faz. A relação entre os usuários da linguagem e a linguagem em determinados contextos socioculturais, podemos dizer, é o objeto de estudo da Pragmática.

Não obstante, não é algo fácil chegar a uma definição final do que venha a significar o termo *pragmática*. Conforme aponta Levinson (2007), são várias as definições para a palavra pragmática e cada uma comporta em si posições e pontos de vista diferentes, mas, no geral, todos os linguísticos convergem para a posição de que a pragmática pode ser entendida como o estudo dos enunciados produzidos pelos indivíduos em situações reais de comunicação e suas intenções ao escolher determinadas palavras.

3. GRICE (1982) E AS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS

As Máximas Conversacionais de Grice (1982) são definidas, pelo próprio autor, como princípios que regem a comunicação entre os indivíduos. Percebendo que a interação verbal é um lugar de troca entre os falantes de uma dada língua, esse autor postulou que a comunicação entre as pessoas só é possível quando elas percebem e se auxiliam em um princípio cooperativo, que é definido pelo autor da seguinte forma: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” Grice (1982, p.86).

A partir desse princípio, como o próprio estudioso explicita, sendo o mesmo aceito na conversação, é possível classificar as máximas conversacionais em quatro tipos, de acordo com Grice (1982, p. 86-88):

1. Máxima de Quantidade

- Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito da conversação).
- Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

2. Máxima de Qualidade

- Não diga o que você acredita ser falso.



- Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada.

3. Máxima de Relação

- Seja relevante.

4. Máxima de Modo

- Evite obscuridade de expressão.
- Evite ambiguidades
- Seja breve (evite prolixidade desnecessária)
- Seja ordenado

Para esse autor (1982), quando o falante viola qualquer uma dessas quatro máximas, durante a interação verbal, ele produz dessa forma um sentido a mais para aquilo que foi dito ao seu interlocutor que, por sua vez, poderá, ou não, entender esse(s) outro(s) sentido(s). Essa inferência é, denominada por Grice (1982) como *implicações conversacionais*.

Ressaltamos, aqui, que, no ambiente conversacional no qual os interlocutores estejam envolvidos, o abandono ou violação de uma máxima pode ser influenciado pelo contexto, pois sabemos que o mesmo é responsável pelos diferentes possíveis significados conferidos pelos interlocutores aos discursos.

Grice (1982), quanto às implicaturas, afirma que estas podem ser *convencionais*: quando a significação é gerada dentro do sistema linguístico; e *conversacionais*, ligadas ao contexto extralinguístico. Conforme aponta Moura (2006, p.13), “Uma implicatura é um tipo de inferência pragmática baseada não no sentido literal das palavras, mas naquilo que o locutor pretendeu transmitir ao interlocutor”. Com base na colocação desse autor, analisemos, pois, o diálogo abaixo:

A: Você irá à praia com a gente?

B: Estou com dor de cabeça.

Percebemos que B não quis responder explicitamente de forma “Não, não quero ir à praia com vocês”, mas optou por uma resposta indireta, mantendo, ainda assim, o mesmo “efeito negativo” e fazendo com que o seu interlocutor (A) infira, a partir da sua resposta “Estou com dor de cabeça”, que, certamente, esse seria um motivo para a sua não ida à praia com os demais.

A partir do que foi exposto, iremos analisar, com base nas postulações apresentadas por Grice (1982), o funcionamento das máximas conversacionais em uma entrevista.

4. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO ENTREVISTA

Bakhtin (2000, p. 279), em *Estética da criação verbal*, postula que “A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.” O autor ainda acrescenta que



“[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados [...]”, os quais recebem a denominação de “gêneros do discurso”.

A entrevista é um desses “gêneros do discurso”. Como propõe esse autor (2000), os gêneros possuem três elementos responsáveis por sua constituição: o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional. São considerados “relativamente estáveis” por não apresentarem essa estrutura estática. Isso significa dizer que em diferentes contextos a estrutura de um gênero pode ser alterada. O estilo, por exemplo, pode se apresentar de maneira formal ou informal, a depender da situação em que esse gênero está sendo utilizado.

Marcuschi (2008, p. 155) pontua, sobre os gêneros textuais, que:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas.

Quanto ao gênero entrevista, este pode ser apresentado tanto na modalidade oral quanto na escrita (nosso objeto de análise). Ressaltamos, porém, que normalmente esse gênero é realizado primeiro oralmente e em seguida é transcrito. A entrevista, às vezes, pode assumir o caráter de uma conversa informal, um bate papo, com perguntas pequenas/rápidas e, por isso, é possível que, em alguns casos, apareçam traços da oralidade, mesmo depois de realizada a transcrição.

As entrevistas são classificadas por Marcuschi (1988) em dois tipos, *as conversações casuais*: nas quais as pessoas se conhecem, e se assemelham aos diálogos do cotidiano; e *as institucionalizadas*, que como o nome já indica, um dos envolvidos pertence a uma instituição e tem algum objetivo em relação ao seu interlocutor. No último caso, envolvidos raramente se conhecem.

O gênero entrevista pertence ao domínio discursivo - espaço/ambiente onde um determinado gênero se origina – jornalístico, podendo estar presente em jornais ou revistas e ainda nas modalidades escrita ou oral. Nesta última modalidade, a entrevista pode ser: jornalística, televisiva, radiofônica ou ainda coletiva.



5. ANÁLISE DO CORPUS

O *corpus* desta análise consta de recortes de uma entrevista retirada de uma edição *online* da revista VEJA, publicada em 2019. Com o objetivo de evitar repetições, trouxemos para este espaço recortes da entrevistas, visto que a violação de mais de uma máxima se fez presente em todos os recortes da entrevista analisada.

Os dados relativos à entrevista são:

Título: “A primeira CEO trans”;

Subtítulo: “Nascida na conservadora Argélia, a mulher transgênero fez a L’oreal a lucrar 4 bilhões de euros ao criar campanhas mais inclusivas, com modelos de gêneros, idades e etnias variadas”;

Entrevistada: Sue Y Nabi;

Entrevistador: João Batista Jr;

Data: 19/05/2019.

As análises passaram pelos seguintes procedimentos metodológicos: seleção das entrevistas, recortes dos textos/trechos com quebra das máximas, análises e levantamento das violações mais recorrentes.

Vamos às análises:

Recorte 01:

VEJA: Como se tornou a primeira CEO trans do mundo?

Entrevistada: Com o meu trabalho. Eu nasci em Argel, capital da Argélia, e desde adolescente quis atuar com ciência e tecnologia. Meu pai era político e minha mãe, professora de francês. Aos 17 anos, me mudei para a Paris para fazer faculdade. Estudei biotecnologia e engenharia agrônoma. Consegui mostrar o meu potencial quando entrei na maior empresa de cosméticos do mundo, a L’Oreal.

Observamos, com base na leitura da resposta da entrevistada, que as máximas de quantidade, relevância e modo foram violadas. Como resposta, a entrevistada é prolixa, dá mais informações do que foi solicitada e, conseqüentemente, traz informações que não são relevantes, como, por exemplo, ao explicitar as profissões dos pais.

No entanto, considerando a posição social da entrevistada, todas essas violações têm uma intenção, que seria a de mostrar que desde muito nova a entrevistada era uma pessoa



batalhadora, que estudava muito e que, por isso, conseguiu ocupar um posto de trabalho tão desejado e importante.

Recorte 02:

VEJA: Como ingressou na empresa?

Entrevistada: Comecei de baixo. Fui gerente de uma divisão de produtos para homens, voltados para a barba. Depois fui galgando espaço. Fui gerente de marca, gerente de marketing, gerente-geral até ser chamada para ser a CEO da L’Oreal Paris, em 2005. Embora fosse a joia da coroa do conglomerado L’Oreal, a marca passava por problemas enormes: crescia muito pouco e sua imagem estava defasada.

Neste recorte, mais uma vez, temos a violação de pelo menos três máximas: quantidade, relação e modo. A resposta é maior do que o esperado/desejado, para ser satisfatória; alguns fatos não têm relação com o perguntado, como, por exemplo, a informação de que a empresa L’Oreal passava por problemas enormes; além dessas duas (quantidade e relação), a máxima de modo também é violada, tendo em vista que por apresentar muitas informações, a entrevistada não é clara na sua resposta.

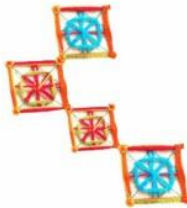
Assim como no recorte anterior, todas as máximas violadas são justificadas pelo fato de a entrevistada desejar mostrar o quão importante é o seu trabalho e procurar justificar a importância de sua pessoa para a empresa na qual trabalha.

Recorte 03:

VEJA: Como assim?

Entrevistada: As campanhas publicitárias mostravam uma estética escura, estilo pornô-chique. Nada solar. Eu queria mudar aquilo, ser mais inclusiva. Contratei a Jane Fonda, então com 68 anos, como garota-propaganda. Não tem sentido meninas 20 anos anunciando cremes para atenuar rugas. Escolhi modelos e atrizes para estrelar campanhas em seus países, para as clientes se sentirem representadas. Taís Araújo e Grazi Massafera foram contratadas no Brasil, depois de uma avaliação do time local. Nem tudo deve ser decidido a partir do escritório de Paris. Fiz o mesmo na China, na Índia e assim por diante.

No recorte 03, mais uma vez, temos a violação das três máximas: quantidade, modo e relação. A entrevistada dá mais informação do que foi requerida. No entanto, como ocorre nos outros exemplos analisados, essa violação é consciente, pois explícita, de alguma forma, a



capacidade técnica da entrevistada para ocupar um cargo tão almejado em uma empresa e, mais do que isso, a entrevistada deixa revelar, nas entrelinhas, que é uma pessoa capacitada para estar onde está, prova disso é o faturamento que a empresa conseguiu após sua chegada/contratação.

Recorte 04:

VEJA: A medida fez aumentar as vendas da empresa?

Entrevistada: Quando assumi a L’Oreal Paris, o crescimento ao ano oscilava entre 0% e 3%. Na minha gestão, crescemos 10% o faturamento da empresa e, pela primeira vez na história, ele atingiu 4 bilhões de euros por ano. Isso se deu pela política da diversidade de gênero, étnicas e etária, mas também pelo lançamento de novos produtos. Por fim, troquei o icônico slogan “Porque eu mereço” para “Porque nós merecemos”. Coloquei a empresa no lado luminoso do jogo.

Conforme vimos nos exemplos/recortes anteriores, no recorte 04 as máximas de modo, quantidade e relação foram violadas. A explicação pode ser a mesma da análise anterior: por estar em uma empresa poderosa, por ter capacidade para administrar tal empresa, por todo o preconceito que existe com as trans, a entrevistada ressalta, além da conta, mas de forma argumentativa, todos os pontos positivos que foi capaz de implementar na empresa durante sua passagem.

Todas essas violações, como já pontuamos, só reforçam o caráter argumentativo da linguagem e, sobretudo, da violação das máximas conversacionais de Grice. Quando falamos que as máximas foram violadas, nem sempre estamos dizendo com isso que houve erro de comunicação, pois na maioria dos casos a violação ocorre justamente para que outras informações, igualmente importantes, sejam postas/apresentadas.

Recorte 05:

VEJA: Por que deixou a empresa em 2013?

Entrevistada: O mercado estava em erupção, percebi que as redes sociais mudariam a dinâmica de compra e desejo e queria criar algo novo. Eu vejo a vida como atos, assim como uma peça de teatro. Meu próximo ato seria criar uma empresa minha. Não ligo ter deixado um salário alto para trás. Pessoas que colocam dinheiro em banco e não investem, não viajam e não criam algo novo são muito burras. Coloquei dinheiro na criação da Orveda.



Se atentarmos direito para a resposta da entrevistada no recorte 05, ela poderia simplesmente ter dito que “estava querendo abrir sua própria empresa”. No entanto, mais uma vez, para mostrar toda sua capacidade de gerenciar uma empresa, a forma como ela está atenta ao mercado e, mais do que isso, como ela entende de negócios e de administração, ela apresenta mais informações do que seria necessário para o momento.

Mais uma vez, as três máximas foram violadas: quantidade, relação e modo. No entanto, todas foram violadas de forma consciente. A violação ocorre de forma argumentativa, intencional, com o intuito de mostrar que o preconceito sofrido pelas pessoas trans não pode ser maior do que o conhecimento e a força de vontade que as pessoas devem ter.

6. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Diante do aporte teórico aqui exposto e das análises empreendidas, percebemos que as máximas conversacionais de Grice (1982), no gênero textual entrevista, são cotidianamente violadas de forma (in)consciente em relação ao princípio de cooperação, mas que tal procedimento pode ser explicado através de dois pontos: o contexto no qual a interação se desenvolve e o objetivo do(s) interlocutor(es) no processo comunicativo.

A quebra de uma máxima, como o próprio Grice (1982) observa, pode ter como objetivo a não violação de uma outra. Em determinadas situações poderemos quebrar a máxima de quantidade (com uma resposta pequena, por exemplo), para não quebrar a máxima de qualidade (dizer apenas aquilo que se pode provar).

Ainda é importante perceber que como as máximas não ocorrem de maneira isolada, logo, a sua violação pode constituir um recurso linguístico utilizado pelo falante - com seus determinados objetivos e em determinados contextos - como foi observado nessa análise, ou simplesmente pelo fato do(s) interlocutor(es) desconhecê-las.

Identificamos nas análises aqui empreendidas que quebrar/violar uma máxima pode significar, muitas vezes, denunciar alguma coisa. Dizer mais do que o outro espera ouvir pode ser, também, uma estratégia argumentativa, conforme percebemos nas respostas da entrevistada em pauta.

Assim, entendemos que o conhecimento sobre as máximas conversacionais, as concepções de linguagem e, conseqüentemente, as concepções de textos e de leitura, podem influenciar sobremaneira na prática docente de se trabalhar a questão do ensino e leitura de textos.



REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. M.E.G. Gomes. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, M. **Fundamentos metodológicos da linguística**. Pragmática Vol. IV. Campinas, 1982.
- KOCH, Ingedore. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MARCONDES, Danilo. **A pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. **Desfazendo mitos sobre pragmática**. In. ALCEU – v.1 n.1, pg 38 a 46 – jul/dez 2000.
- MARCUSCHI, L. A. **Manifestações de poder em forma assimétricas de interação**. Recife, 1988.
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOURA, Heronides de Melo. **Significação e Contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática**. Florianópolis: Insular, 2006.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SEARLE, J. **Speech acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- VEJA. **A primeira CEO TRANS**. Disponível em: <https://complemento.veja.abril.com.br/entrevista/sue-y-nabi.html>. Acesso em 22/03/2020.